

ESTRATÉGIAS ENTOACIONAIS NA ESCRITA DO AFÁSICO

Chirlene Santos da Cunha Moura¹⁰⁷

RESUMO

O tema para pesquisa volta-se para a entoação observada na organização do discurso do portador de afasia. O objetivo foi identificar recursos prosódicos no processo de (re)organização da linguagem por meio da identificação de pistas entoacionais presentes na escrita do afásico a partir da Teoria Interacional da Entoação de Brazil (1985). Para isso, foi realizado um estudo com um sujeito afásico, do sexo masculino, com dificuldades expressivas na escrita e na oralidade. Os resultados levam à conclusão de que no processo de (re)organização da linguagem, a entoação desempenha um papel muito importante na construção de sentido na interação e facilita a compreensão do enunciado.

PALAVRAS-CHAVE: Afasia. Entoação. Escrita.

ABSTRACT

The theme for research has been observed for the intonation in the organization of the speech in patients with aphasia. The order was identify prosodic features in the process of (re)organization of language by identifying intonation clues presented in the writing by the aphasic subject from the Interactional Theory of Intonation of Brazil (1985). For this reason, a study was conducted with an aphasic subject, male, with significant difficulties in writing and speaking skills. The results lead to the conclusion that in the process of (re)organization of language, intonation plays an important role in the construction of meaning in the interaction and facilitates understanding the statement.

KEYWORDS: Aphasia. Intonation. Writing.

INTRODUÇÃO

Os estudos voltados para a prosódia têm crescido na última década e embora se saiba que os fenômenos prosódicos foram observados inicialmente na modalidade escrita com documentação poética do século XIII (MASSINI-CAGLIARI, 1999), ainda são poucos os trabalhos que investigam a prosódia na escrita do ponto de vista da enunciação, em que, a entoação, o acento e o ritmo são considerados elementos da prosódia, reconhecida como atividade linguística.

A entoação, que é um efeito acústico composto por vários parâmetros prosódicos, como altura, intensidade, duração e pausa (SCARPA, 1991), neste estudo, será observada na organização do discurso escrito do portador de afasia, entendida como sintoma de uma lesão cerebral, estabelecida cronicamente na vida do indivíduo, geralmente, adulto (MORATO, 2010) e que afeta o sistema linguístico (MORATO, 2002).

Na escrita, a entoação é marcada por pistas assinaladas pela força ilocucionária que servem para fornecer indicações da intenção do falante e caracterizada no texto pelas iluminuras, ornamentos, adornos, ilustrações de cores variadas que servem para dar mais peso à representação escrita (OLSON, 1997). Daí, levanta-se como problemática a questão da

¹⁰⁷ Fonoaudióloga, Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco e doutoranda em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Contato: chirlenecunha@hotmail.com

importância do papel desempenhado pela entoação no processo de (re)organização da linguagem do afásico partindo da hipótese de que este sujeito usa as estratégias entoacionais na escrita com o propósito de evidenciar sua intenção direcionada para o leitor.

Este trabalho tem como objetivo identificar recursos prosódicos no processo de (re)organização da linguagem por meio da identificação de pistas presentes na escrita do afásico a partir da Teoria Interacional da Entoação, de Brazil (1985).

As partes do texto estão dispostas de modo a favorecer a leitura e compreensão do assunto tratado. Assim, a primeira parte, fundamentação teórica, aborda questões sobre a afasia, a linguagem escrita, a intencionalidade, a prosódia e a Teoria Interacional da Entoação. Na segunda parte, metodologia, estão expostas as informações concernentes ao sujeito da pesquisa, à área de estudo, ao método de coleta e análise dos dados. Na terceira parte, são apresentados e discutidos os resultados dos achados de pistas entoacionais nas produções escritas do afásico. Na conclusão é apresentada uma síntese do que foi discutido, além de ser oferecida uma indicação para possíveis trabalhos futuros com aprofundamento de questões relacionadas a escrita nas afasias.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A linguagem, particularmente oral, do sujeito afásico tem sido objeto de investigação e tratamento na clínica fonoaudiológica nos últimos anos, em contrapartida, os afásicos pouco procuram tratamento prioritário para a escrita. Isso se deve ao fato de que pessoas alfabetizadas que fazem uso apropriado das modalidades oral e escrita da linguagem no seu cotidiano, quando sofrem qualquer tipo de prejuízo que comprometa a linguagem como um todo, parecem dar maior atenção ao tratamento que vise reestabelecimento da linguagem em sua modalidade oral, por ser esta mais aparente e parecer prejudicar em maior proporção a comunicação, deixando, assim, para segundo plano o tratamento voltado para a recuperação ou organização da linguagem escrita. Assim, desmistificando a ideia de que a comunicação está mais comprometida quando a fala está prejudicada e diante da proposição de que na escrita possam ser usadas estratégias entoacionais que possam caracterizar a intenção de quem escreve proporcionando evidenciar o sentido do texto para o leitor, o estudo propõe uma investigação da modalidade escrita da linguagem do sujeito afásico.

A afasia, definida como uma alteração dos processos linguísticos (COUDRY, 1988) é causada por uma desorganização abrupta da linguagem, resultante de lesões no Sistema Nervoso Central, decorrente de fatores exógenos, como traumatismos, por exemplo, e endógenos, como acidentes vasculares cerebrais, aneurismas e tumores cerebrais

(JAKUBOVICZ E CUPELLO, 2005) que compromete a linguagem tanto oral quanto escrita (SANTANA, 2002) e que necessita de um olhar interdisciplinar, pois seu quadro clínico está relacionado tanto à neurologia quanto à linguística (ACIOLI, 2006).

No tratamento do afásico, embora o processo terapêutico seja embasado no contínuo entre fala e escrita e tome como respaldo o fato de que afásicos, com dificuldades expressivas predominantes em uma modalidade ou outra, tomam como facilitador da comunicação a modalidade mais preservada (MOURA, 2010), este estudo se deterá na investigação isolada da modalidade escrita de um afásico que recebeu uma terapia que envolveu as duas modalidades.

Por causar comprometimento de linguagem que envolve elementos associados aos níveis linguísticos, a aspectos multimodais, paralinguísticos e/ou prosódicos de uso da língua, a afasia traz consigo prejuízos de grandes proporções da ordem do social por afetar a capacidade do sujeito de interagir efetivamente. Assim, a intenção ao tratar da modalidade escrita de uso da língua, apreciando a linguagem como forma de interação é apresentar algumas particularidades ao descrever características peculiares à esta modalidade.

Durante muito tempo prevaleceu a noção de que a escrita era a representação da fala, que, por sua vez, constituía a representação do pensamento. De acordo com essa concepção, a afasia seria a perda da memória ou resultado de problema fono-articulatório, uma vez que o termo linguagem era atribuído à fala (SANTANA, 2002). Hoje, os estudos de fala e escrita destacam diferenças e semelhanças entre as duas modalidades e apontam que, durante o processo de aquisição da escrita, a fala serve de mediadora. Marcuschi e Dionísio (2005) endossam que a relação estabelecida entre oralidade e escrita é bastante percebida quando do processo de alfabetização e, sobretudo, que a fala influencia a escrita.

A escrita apresenta elementos formais que viabilizam o melhor desempenho do escritor. Dentre os elementos formais estudados na escrita estão os recursos prosódicos e paralinguísticos, também comuns ao enunciado oral. Marcação de grifo, negrito, itálico, uso de fontes diferentes e setas são exemplos de pistas prosódicas na escrita (BIBER, 1988). Marcuschi (2005) concorda que, no texto escrito, existem, ainda, elementos que equivalem aos elementos paralinguísticos (gestos, mímicas, movimentos corporais etc.) presentes na oralidade, e exemplifica com a publicidade, que agrega ao texto escrito imagens com a finalidade de chamar mais a atenção do leitor para a mensagem do que se usasse somente o conteúdo escrito.

O estudo da escrita com elementos equivalentes aos da fala, e não como representação de fala, surgiu após o questionamento de concepções históricas sobre fala e escrita. Desde a

época de Aristóteles, a escrita vem sendo tomada como recurso gráfico destinado à transcrição de fala. “Nessa perspectiva, a escrita é uma tentativa de representar os padrões sonoros da fala” (OLSON, 1997, p.83). Platão lançava críticas à escrita, denominando-a desumana por tirar da mente humana seus pensamentos, por controlar e manipular, pois acreditava que a escrita era a representação da fala (MARCUSCHI E HOFFNAGEL, 2005). Toda essa confusão foi causada pela ideia errada com relação à representação da escrita. A escrita não foi criada para representar a fala, mas para comunicar. “Os sistemas de escrita proporcionam os conceitos e as categorias para pensar a estrutura da língua falada, e não o contrário” (OLSON, 1997 p. 84).

Questões ligadas ao funcionamento de linguagem específico do afásico levaram Santana (2002) a concluir que o lobo occipital é importante para a realização da escrita por estar relacionado à percepção visual, mas salienta não existir uma área específica para a escrita e que, em todo o cérebro, está tanto a escrita quanto a fala. Graças às interconexões cerebrais múltiplas, investigadas em estudos precedentes, “a lesão em uma área delimitada do cérebro, da qual decorre uma alteração do comportamento, não significa que a área afetada seja o centro da função afetada” (SANTANA, 2002 p. 28). Lesões específicas em diferente locais do córtex cerebral podem levar a alterações na linguagem escrita.

A intencionalidade, um elemento característico do texto escrito, pode ser definida como a maneira que o emissor utiliza-se de recursos (coerência na construção textual, mecanismos de coesão, outros fatores de textualidade) para a construção de seu texto, com o propósito de levar o receptor a captar as pistas marcadas no texto e conduzi-lo a alcançar o sentido pretendido pelo emissor (KOCH e TRAVAGLIA, 1997). Em outros termos, a intencionalidade é um recurso que parte do emissor (produtor), direcionada ao receptor, e que tem a finalidade de produção de sentido, estando, é claro, associada a outros fatores geradores de sentido.

Na perspectiva de Koch e Travaglia (1997), a intencionalidade está relacionada à argumentatividade, sendo esta última manifestada no texto escrito por meio de marcas gramaticais que têm a função de indicar o sentido para o qual o texto aponta (KOCH, 2003). A partir dessas marcas, o receptor, mediante a leitura, alcançará os sentidos possíveis no texto.

Marcuschi (2009) coloca a intencionalidade dentro de um grupo por ele denominado de fatores de conexão de ações (pragmática). Estes, por sua vez, estão entre os fatores textuais. Para o autor, os fatores de conexão de ações estão voltados para a coesão e a

coerência do texto, logo, conclui-se que a intencionalidade contribui para que um texto seja coeso e coerente.

Todo produtor de textos tem determinados propósitos, certas intenções ao visualizar/alcançar seu provável interlocutor. Um exemplo de recurso utilizado no texto escrito para se aproximar do interlocutor são os marcadores de interatividade¹⁰⁸ (MARCUSCHI, 2002), que são expressões como “oh”, “agora”, “olhe”, “vamos lá” etc. Essas expressões, também denominadas marcadores basicamente interacionais (URBANO, 2006), são marcadores discursivos, dentre o elenco de mecanismos envolvidos na organização dos textos da língua escrita (MARCUSCHI, 2002). A interatividade é definida como um movimento que propõe envolvimento interpessoal e se apresenta na superfície do texto fazendo parte do próprio texto, ou seja, direcionado do escritor/locutor a um determinado leitor/ouvinte, com expressões ou formas linguísticas familiares a este (MARCUSCHI, 2002). Esses marcadores, que favorecem a interação, aproximando os interlocutores, são marcas da intencionalidade, que estão na superfície do texto.

Marcuschi (2009, p.30) salienta que “o texto forma uma rede em várias dimensões e se dá como um complexo processo de mapeamento cognitivo de fatores a serem considerados na sua produção e recepção”. Para ele, o texto é um acontecimento sócio-comunicativo. Petöfi (1972 *apud* MARCUSCHI, 2009) acrescenta à definição de texto, que comumente esteve relacionada aos elementos linguísticos escrito e/ou oral, os elementos extralinguísticos como apoio para produção textual.

Esses elementos extralinguísticos e prosódicos presentes no texto, para Olson (1997), são indícios da intenção do emissor. Logo, essa intenção está vinculada a aspectos como a entoação, a proeminência, dentre outros, inerentes à prosódia, e também a aspectos extralinguísticos. Tratando especificamente da prosódia, definida como a pronúncia correta quanto à acentuação tônica das palavras (SACCONI, 2009), é possível afirmar que o indício da intenção do produtor equivalente à pronúncia na escrita é, portanto, o ritmo, caracterizado por Chacon (1998) como importante para a organização de atividade linguística escrita.

Sobre a prosódia na escrita, este estudo terá como base teórica a Teoria Interacional da Entoação de Brazil (1985), a qual foi concebida na perspectiva de análise do enunciado oral, entretanto, este estudo que aborda questões da escrita, se apropriará desta mesma Teoria com o intuito de esclarecer aspectos prosódicos da escrita, que possam estar associados à oralidade, principalmente, quando considerado o contínuo entre fala e escrita.

¹⁰⁸ Para maiores esclarecimentos sobre o tema consultar Marcuschi (2002) e Urbano (2006).

A Teoria Interacional da Entoação, doravante TIE, foi desenvolvida por David Brazil que, se tornou conhecido como um dos primeiros teóricos a estudar o papel da entoação na construção de sentido do discurso (BRITO *et al.*, 2007). A TIE foi desenvolvida pelo teórico na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, entre o final da década de 1970 e início da década de 1980.

A TIE permite, por meio da entoação, adentrar o mundo da construção de sentido na interação humana (LOPES, MADEIRO E AGUIAR, 2007). Brazil (1985) observa os fenômenos da entoação como uma das estratégias usadas pelo falante e direcionadas ao ouvinte a fim de que este último capte o significado que seu interlocutor pretende comunicar através do enunciado. Em outras palavras, o falante usa a entoação visando a transmitir a mensagem com ênfase ao que quer destacar; o ouvinte, por sua vez, capta as pistas entoacionais como recurso facilitador de sua compreensão no contexto interativo (BRAZIL, 1985).

Encerrando sua metodologia em dois livros (*The communicative value of intonation in English*, 1985, e *Discussing discourse*, 1987), Brazil apresenta um estudo pragmático da entoação, em que a prosódia é trabalhada na perspectiva da análise do discurso. Alguns dos conceitos da TIE podem ser conferidos na revisão teórica a começar pelos padrões entoacionais.

A entoação é definida como a variação do tom da voz falada, resultado da escolha entoacional do falante, e está carregada de valor comunicativo. Os falantes de uma língua fazem determinadas escolhas entoacionais, em certos contextos comunicativos, que estão relacionadas a um conjunto de significantes que geram o significado (BRAZIL, 1985).

As escolhas entoacionais, feitas pelos falantes com a finalidade de interagir com seu interlocutor, vão determinar os diferentes padrões entoacionais. Os padrões entoacionais também exercem funções interacionais no discurso. São elas: função organizacional, função social e função informativa. A função organizacional relaciona-se à maneira como os falantes organizam seu discurso através do modo como manipulam (usam) os tons. A função social favorece, por meio do uso de padrões entoacionais, a identificação de diferentes falantes com seus respectivos papéis sociais garantidos na relação interacional. Por fim, a função informativa é resultado das orientações quanto ao conteúdo que o falante pretende sinalizar quando faz uso de determinadas pistas entoacionais (BRAZIL, 1985).

Essas escolhas, ou padrões entoacionais, associados ao contexto, segundo a TIE, estão relacionadas a quatro sistemas: **proeminência**, **base**, **terminação** e **tom**, cada qual

favorecendo a apropriação de significado e efeito de sentido do discurso entre falantes e ouvintes.

A **proeminência** é a ênfase dada a uma determinada sílaba dentre as demais que compõem a unidade tonal. No modelo da TIE, o falante escolhe uma ou duas proeminências, as quais demarcam cada unidade tonal. Esta divisão em unidades tonais oferece melhor inteligibilidade de fala.

A proeminência, a princípio, pode estar relacionada ao léxico e à gramática do enunciado, porém, é interessante considerar que discursos semelhantes se diferenciam por destaque de distribuição livre – sílabas proeminentes em determinada unidade de tom e, em outras, não – com a finalidade de alcançar no ouvinte a produção de certo sentido idealizado pelo falante (BRAZIL, 1985). O falante pode variar, portanto, o local, ou seja, a(s) sílaba(s) proeminente(s) na unidade tonal, mas, normalmente, não existirá, em uma mesma unidade tonal, mais que duas sílabas proeminentes.

Embora a sílaba proeminente esteja associada à escolha do falante e não esteja diretamente relacionada à gramática, há uma maior tendência em escolhê-la a partir da relação com a sílaba tônica. Logo, as sílabas proeminentes estão normalmente relacionadas à sílaba tônica, que, por sua vez, são subconjunto das sílabas proeminentes (BRAZIL, 1985).

Quando há duas sílabas proeminentes em uma mesma unidade tonal, a primeira é a sílaba base e a segunda é a terminação. São as proeminências que fixam o domínio de três variáveis: base, terminação e tom, que são, respectivamente, proeminência inicial, proeminência final e nível (BRAZIL, 1985).

Para Brazil (1985), **base e terminação** são níveis distintos de fala usados pelos falantes, marcados pelo nível de *pitch*, e que desempenham funções específicas de efeito no ouvinte.

Por serem de natureza interacional, as variáveis entoacionais base e terminação permitem que cada nível de fala seja marcado por funções específicas que viabilizam, no contexto interativo, dotar os enunciados de significações relacionadas ao nível escolhido (LUCIANO, 2000).

O **tom**, segundo a TIE, é um elemento suprasegmental, pré-planejado pelo falante que se realiza na unidade tonal. Em cada unidade tonal, o falante tem opção de usar um dentre os cinco tipos de tons descritos por Brazil (1985) para tornar proeminente uma ou mais sílabas. Ao proferir o discurso usando uma dentre as várias opções de variações tonais, o falante contribui para que a unidade tonal seja efetivamente completa.

Os cinco tons descritos por Brazil (1985) são: ascendente, ascendente-descendente, descendente, descendente-ascendente e neutro. Cada um dos tipos de tons descritos aponta para o sentido da mensagem transmitida pelo falante. Por exemplo, os tons descendentes e ascendentes-descendentes apontam para a transmissão de informações novas ou até divergentes.

Todos os elementos citados acima são importantes para compor as unidades tonais. O termo unidade tonal, descrito por Brazil, antes já havia sido trabalhado por outros teóricos, que usaram diferentes denominações. A diferença entre a unidade de tom e as outras descrições é o número de componentes e o número de oportunidades que os falantes podem escolher antes de dar certo sentido ao discurso (BRAZIL, 1985).

Um dos elementos imprescindíveis para a determinação das unidades tonais é a pausa. A pausa é uma interrupção do fluxo de fala, que permite a segmentação em unidades tonais, que podem, em alguns casos, ser facilmente identificadas pelo ouvinte (BRAZIL, 1985).

A unidade de tom apresenta, também, algumas outras características. Cada unidade de tom tem uma ou duas sílabas que permitem ao ouvinte reconhecê-las como mais enfáticas que as demais. Essas sílabas, denominadas proeminentes na TIE, são identificadas por letras maiúsculas. Dentro da unidade tonal, além da proeminência, usa-se o tom.

Em síntese, unidades tonais são divisões da fala contínua em blocos delimitados por pausas, marcados por uma ou duas sílabas proeminentes, as quais se caracterizam por diferentes escolhas tonais que produzem no ouvinte determinado efeito de sentido ao discurso, o qual pode não ser o único possível.

Nessa perspectiva, o falante tem a competência de planejar a unidade de tom, enquanto ao ouvinte compete decodificar (Brasil, 1985). Logo, os efeitos da aplicação da TIE para a investigação da modalidade escrita na clínica da linguagem, no tratamento do afásico, podem ser bastante produtivos porque envolve o estudo da interação entre sujeitos, facilitada por enunciados dotados de valor comunicativo com destaque em determinadas porções, o que favorece a compreensão. Ao ponderar sobre os benefícios da aplicação dessa teoria na escrita, e para sistematizar as reflexões pertinentes ao tema, foi elaborada uma metodologia de análise descrita no próximo tópico.

METODOLOGIA

Este estudo foi realizado na Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, localizada na cidade do Recife. Parte da coleta dos dados deu-se durante as reuniões do Grupo de Convivência de Afásicos da UNICAP, que ocorrem uma vez por semana, com duração de

duas horas, no laboratório de linguagem, no 7º andar do bloco G4. Outra parte da coleta dos dados foi realizada em sessões individuais na Clínica de Fonoaudiologia Manoel de Freitas Limeira, localizada no departamento de Ciências Biológicas e da Saúde, no 6º andar do bloco B da Universidade Católica de Pernambuco.

Trata-se de um estudo de caso, em que se buscou investigar as pistas entoacionais no processo de reorganização de linguagem de apenas um participante, com método de abordagem indutivo. O participante deste estudo foi um sujeito portador de afasia, do sexo masculino, escolhido dentre os participantes do grupo de convivência de afásicos da UNICAP.

O sujeito (S) participante deste estudo tem cinquenta e um anos de idade, é casado, não tem filhos, concluiu o segundo grau de escolaridade após ter cursado o ensino médio com habilitação para técnico em contabilidade, sua profissão. Seu lazer mais comum é assistir televisão. Passa a maior parte do dia no quarto, ora assistindo TV ora dormindo. Quase todos os dias da semana vai a algum médico ou terapeuta. Durante o dia, tem a companhia de uma cuidadora, pois a esposa trabalha, e, mesmo que chegando à casa somente à noite, sempre faz intervalos durante o expediente de trabalho para falar por telefone com o marido.

Com histórico de hipertensão arterial, fazia uso regular de medicação quando sofreu um acidente vascular cerebral no início do ano de 2010, vindo a apresentar quadro clínico sintomático de afasia. Recebeu, na ocasião, o diagnóstico de afasia mista, mas, no período da pesquisa, as avaliações não detectaram comprometimento de compreensão, o que pode ser um dos indícios de evolução do seu quadro clínico. Segundo relato da esposa e do próprio participante, durante o período de, aproximadamente, um ano, houve evolução no quadro clínico com progressos na fala, na leitura, na escrita e no aspecto motor, com melhoras na locomoção.

As investigações atuais revelam um indivíduo com sintomas da afasia de Broca, com um quadro clínico em que há comprometimentos na linguagem escrita e na linguagem oral. Apresenta maior grau de resistência ao uso da modalidade escrita. Tem facilidade em nomear coisas e objetos, salvo em raras exceções. Apresenta um ritmo de fala um pouco lentificado, o que não compromete a inteligibilidade. Após avaliação clínica conforme procedimento regular usual ficou claro que memória, semântica e leitura estão preservadas.

Quanto ao aspecto motor, não existem alterações de força ou mobilidade corporal. Há, apenas, uma tendência de, em certos momentos, realizar movimentos estereotipados de membros superiores, inferiores, ou mesmo, do tronco.

O material que compõe o *corpus* do estudo foi resultado do período efetivo de coleta de seis meses, suspensa por cerca de um mês e retomada no mês seguinte, ficando o período de referência de fevereiro a agosto de 2011.

O intervalo no período de coleta deveu-se a uma hospitalização de urgência após náuseas, vômitos e desmaios. Durante a internação, passou dois dias na UTI e cerca de quinze dias na enfermaria (apartamento).

Depois de passados cerca de trinta dias sem participar dos encontros em grupo e individuais, o sujeito revelou certa mudança de humor, aparentando estar um pouco mais deprimido do que antes do ocorrido, o que gerou maior resistência para a realização das atividades de escrita propostas.

Cada proposta de atividade escrita, durante a coleta dos dados, referiu-se a um determinado gênero textual. Para a análise dos dados, os materiais de escrita coletados foram escaneados e arquivados.

Após a realização das atividades escritas, foram identificados textos em que poderiam existir indícios de pistas entoacionais na organização do discurso do afásico. Daí passou-se à etapa seguinte, em que se analisou o material escrito na íntegra segundo a Teoria Interacional da Entoação, adotando o modelo proposto por David Brazil (1985).

Este artigo é parte de um projeto de pesquisa maior encaminhado para a avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Pernambuco sob o título “o papel da intencionalidade na escolha tonal”, com CAAE 0008.0.096.000-11 de registro interno e CEP 008/2010, o qual recebeu parecer de aprovação nº 014/2011.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A coleta dos dados da escrita foi feita em momentos de participação do sujeito da pesquisa no Grupo de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco e em encontros individuais na presença da pesquisadora, que também é fonoaudióloga.

A atividade de escrita não foi desenvolvida separadamente da fala. Para a produção deste artigo os resultados foram apresentados separadamente. Segundo Marculino e Catrini (2006), é importante trabalhar conjuntamente fala e escrita na prática clínica com pacientes afásicos, pois há uma tendência maior em contribuir para o processo de reabilitação. Dessa forma, a discussão aqui proposta considera a relação de contínuo entre fala e escrita, em que não é possível precisar o limite entre ambas, mas é possível garantir que a produção dos gêneros textuais descritos na discussão foi na modalidade escrita.

Os dados da escrita foram resultado de encontros com trabalhos desenvolvidos dentro de alguns domínios discursivos mais comuns ao dia-a-dia do sujeito com gêneros textuais que lhe fossem familiares. Os gêneros textuais foram selecionados a partir das demandas do sujeito, em algumas ocasiões e, em outras, dos seus interesses.

A escrita do gênero textual história em quadrinhos, do domínio discursivo lazer, foi produzida pelo sujeito da pesquisa no encontro do Grupo de Afasia. Todos os afásicos do Grupo receberam um quadrinho semelhante e, mediante um contexto de informações sobre o gênero a ser trabalhado, foram orientados a olhar a imagem e escrever uma história. O sujeito da pesquisa produziu a escrita que é observada na Figura 01.



Figura 01 – História em quadrinhos.

Conforme achados na Figura 01, o sujeito afásico apropria-se de sinal de pontuação, especialmente interrogação, para representar as falas da personagem do quadrinho por vias do texto escrito. Como a escrita alfabética em si não consegue representar detalhes determinantes do sentido como faz a fala, é necessária a existência de representações de características prosódicas e paralinguísticas na escrita por meio dos sinais de pontuação para contribuir com o ato de gerar sentido (OLSON, 1997).

Ao usar, no ato da escrita, o recurso prosódico por via da pontuação, o sujeito desta pesquisa revela intenção comunicativa, além de demonstrar não ter perdido o domínio ou a capacidade de uso da língua. A marcação de pontuação interrogativa em todos os balões pode não ser adequada, mas indica que o sujeito sentiu a necessidade de acrescentar ao texto algo mais que palavras, pois a expressividade das imagens da personagem traz essa demanda.

A pontuação de interrogação usada no texto equivale ao contexto indagativo descrito por Brazil (1985). Os tons ascendentes e descendente-ascendentes usados nesse contexto fazem referência a conhecimentos partilhados. O contexto da atividade permite fornecer a informação que realça a partilha de conhecimento, pois a cena do quadrinho foi discutida

oralmente entre todos os sujeitos participantes do Grupo de Afasia e na sequência houve a produção escrita.

No seguimento de quadrinhos escrito observa-se, além das correções gráficas, uma correção que pode ser tomada com reformulação, quando escreve “computede” e, no balão seguinte, “computador”. Essa reformulação se assemelha às correções comuns ao discurso oral em que o sujeito hesita, corrige e reformula a maneira com vinha dizendo para se fazer compreender melhor.

Outro ponto importante a destacar é que o gênero história em quadrinhos é um gênero que demanda maior envolvimento do escritor com seu interlocutor, pois as palavras que preenchem os balões não representam a escrita da personagem. As palavras nos balões são representação da oralidade ou do pensamento, que não é o caso, pois este último é representado em um tipo diferente de balão. Assim, como no texto falado, a intenção do escritor viabiliza sentido que é captado pelo leitor mediante o contexto (OLSON, 1997).

É correto afirmar que a produção da história em quadrinhos pelo sujeito afásico contém pistas prosódicas caracterizadas pelas marcas de sua oralidade na escrita conforme as que foram verificadas por Marinho (2008) em seu estudo com sujeitos afásicos. O indício característico da linguagem oral do sujeito é a fala fragmentada apoiada na seleção lexical de palavra-chave dotada de grande carga significativa.

Na Figura 02, visualizam-se fragmentos relativos ao registro das atividades pessoais de dois dias não consecutivos, escrito pelo sujeito da pesquisa. A confecção do diário pessoal foi proposta pela pesquisadora em encontro individual com o sujeito.

Uma vez que sente dificuldade e, frequentemente, recusa-se a escrever, a esposa do afásico, mesmo com seus afazeres, acatou a atividade e se comprometeu em ajudá-lo em mais essa tarefa diária de registrar alguns eventos passados no seu dia-a-dia.

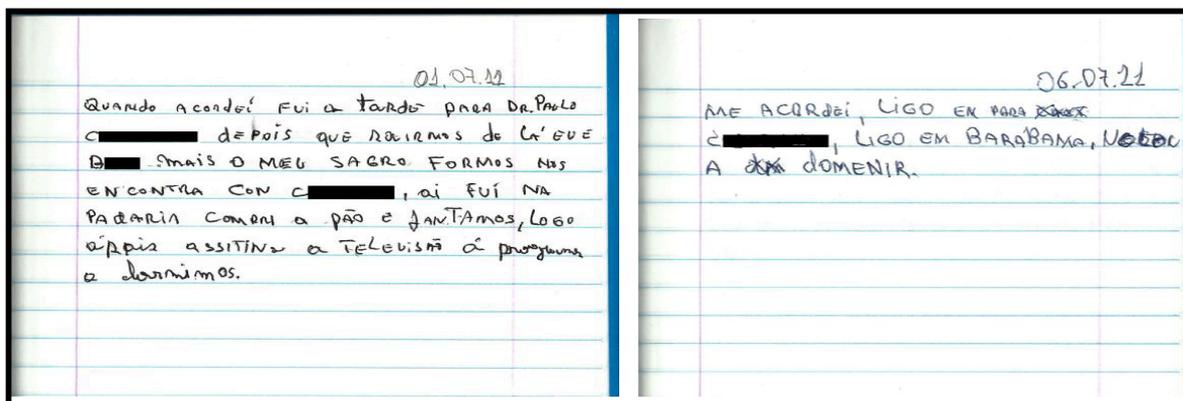


Figura 02 – Diário pessoal.

Na página do lado esquerdo da Figura 02 consta o relato de um dia vivenciado pelo sujeito. Para este relato houve o auxílio ou da esposa ou da cuidadora, não se sabe ao certo. Antes da confecção do diário, nem a esposa nem a cuidadora foram orientadas como deveriam ajudar o afásico na realização da tarefa diária. Segundo informações concedidas pelo próprio afásico, a ajuda consistia em fazê-lo copiar, de uma folha de papel, acontecimentos vivenciados. Com a melhor das intenções, a ajuda não era adequada, considerando que, segundo Santana (2002), a prática de fazer cópias ou escrever ditados infantiliza e reduz o afásico àquele que não sabe escrever.

Passado algum tempo, após relato de alguns dias, foi verificada uma articulação escrita não condizente com outras atividades de escrita previamente desenvolvidas. Assim, cuidadora e esposa foram instruídas a incentivar o afásico a, em um momento do dia, fazer sua tarefa diária de escrever. Também poderia auxiliá-lo tirando a dúvida caso se prendesse a algum “erro” no ato da escrita.

Do lado direito da Figura 02, que será objeto do estudo, é possível observar um dos relatos feitos na presença da pesquisadora, o qual serviu de modelo para os registros seguintes. Nesse registro, feito no período da manhã, o sujeito oralizou sua pretensão em escrever “me acordei, liguei para C (esposa), tomei vitamina de banana e voltei a dormir”.

Primeiramente, as marcas linguísticas, como data no canto superior direito da página e uso do verbo na flexão para primeira pessoa do singular, revelam que o sujeito, mais do que escrever sobre suas atividades diárias, trabalhou dentro da proposta de confecção do gênero diário pessoal.

Sobre a flexão verbal, observa-se a sequência: “acordei”, verbo no tempo passado na primeira pessoa do singular; “ligo”, “ligo”, primeira pessoa do singular do presente e, “voltou”, terceira pessoa do singular do passado. Nas três primeiras flexões verbais, o sujeito se reconhece, portanto, aproximando-se do interlocutor. Outro dado que permite inferência é que “ligo” remete a uma atividade constante (cf. informações concedidas pela esposa), daí o verbo no presente. Essas características gramaticais, se analisadas à luz do contexto, viabilizam parte do sentido do enunciado. Segundo Olson (1997, p.108), “o tom e o contexto veiculam sempre parte do sentido da enunciação”.

No relato diário do dia 06.07.2011, o sujeito fez uso de pontuação (final), a qual aponta para tons descendentes e tons ascendente-descendentes, que são tons proclamadores e apontam informações novas. Usa também vírgulas, as quais marcam pausas, que equivalem às pausas na fala, descritas por Brazil (1985). Na TIE, as pausas marcam as unidades tonais. A

relação estabelecida correlacionando os achados com a Teoria de Brazil (1985) recebem o apoio de Biber (1988). Para o autor, a escrita é marcada por unidades tonais mais longas e por maior número de informações novas do que na fala. Para Olson (1997), os sinais de pontuação configuram-se como características prosódicas que contribuem para o sentido do texto.

Na Figura 03, pode ser observado o trabalho com o gênero textual *anúncio em revista* ou *jornal* do domínio discursivo publicitário. Parte da atividade foi produzida pelo sujeito da pesquisa no encontro do Grupo de Afasia e, outra parte (lado direito), em encontro individual. Para a confecção da escrita do anúncio, feita em grupo, os afásicos escolheram uma, dentre as várias figuras apresentadas para eles. Para a escrita do anúncio em encontro individual, a pesquisadora entregou uma folha de papel com a imagem de um cachorro com características similares a um de seus animais de estimação.

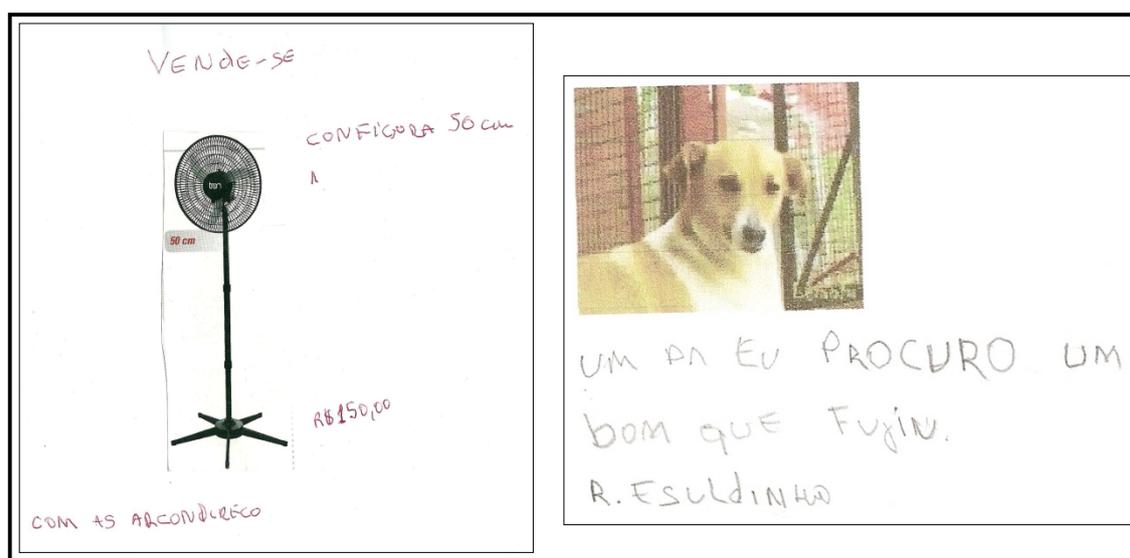


Figura 03 – Anúncio em revista ou jornal.

Ao analisar descontextualizadamente a parte do lado esquerdo da Figura 03, talvez não fosse percebida a intenção do escritor tão marcada no texto como verificada depois de uma análise vinculada ao contexto. Além da compreensão e apropriação do gênero trabalhado, a intenção de anunciar o produto é bem marcada pela expressão “vende-se”, pela descrição do produto e pelo valor.

Lacerda (1993 *apud* SANTANA, 2002) refere que, durante o processo de aquisição da linguagem, a oralidade gera uma reflexão que atingirá a construção da escrita. A atividade oral, prévia ao trabalho com escrita, justifica a ausência de construção frasal e de conectivos no anúncio. Na fala, o sujeito apresentou pistas entoacionais marcantes para a captação do

sentido. Na escrita, basicamente as pistas mais determinantes do sentido foram apontadas (vende-se, R\$ 150,00).

Sobre a relação do texto escrito com a imagem apresentada nos dois anúncios, nem no fragmento escrito do lado esquerdo da Figura 03, nem no fragmento do lado direito existe a palavra escrita referente ao que se quer anunciar, porque a figura, como elemento paralinguístico no texto escrito, segundo Marcuschi (2005), se une ao texto com a finalidade de chamar mais atenção que a escrita. No caso do gênero textual anúncio, a presença do elemento paralinguístico representada pela imagem do ventilador e pela imagem do cachorro faz com que o sujeito considere desnecessária a escrita da palavra, o que se configuraria como redundância.

O anúncio apresentado do lado direito da Figura 03 é marcado pela construção frasal encerrada pelo ponto final, característica a enunciados de cunho informativo (BRAZIL, 1985). Os tons ascendente-descendentes e descendentes, inerentes ao contexto narrativo com cunho informativo, são tons que estão vinculados à proclamação de informações novas. A pontuação utilizada, portanto, é condizente com o contexto e manifesta-se como pista entoacional dotada de sentido.

No início do anúncio do lado direito, visualiza-se a escrita da expressão “um pa”. Esse trecho de escrita configura-se como uma correção, a qual está associada à velocidade de escrita que, por ser mais lenta, admite que o escritor faça reformulações que, se forem apagadas, não permitem ao leitor conferir as hesitações no texto escrito (BIBER, 1988), como se observa no discurso oral. Logo, é possível inferir que esse tipo de ajuste feito pelo sujeito afásico representa a hesitação na fala que, na Teoria de Brazil (1985), está vinculada a tons neutros, e, portanto, faz referência à organização sintática.

O uso do pronome pessoal “eu” assinala a proximidade do sujeito que escreve ao seu interlocutor. Contrário a isso, textos escritos em voz passiva são associados com descontextualização ou distanciamento (BIBER, 1988).

Assim, é correto afirmar que o anúncio escrito, apresentado na Figura 03 do lado direito, é resultado da produção de um sujeito que se aproxima do interlocutor com a pretensão de transmitir uma informação nova, depois de ter reorganizado a maneira de dizer o que pretendia.

A Figura 04 é a apresentação do rascunho e da escrita definitiva de um bilhete romântico do sujeito afásico do estudo para sua esposa. A atividade escrita foi realizada em encontro individual. Esta atividade, em especial, como outras atividades realizadas dentro dos

moldes de um gênero textual comum à prática diária do sujeito, foi bem aceita, e se verifica uma pequena quantidade de caracteres escritos.

Aquele que não sabe ler nem escrever é nomeado pela sociedade de analfabeto e, segundo Santana (2002), um analfabeto é considerado inferior, frente à sociedade letrada, porque há um estigma de que quem sabe ler/escrever é eloquente no falar. Esta concepção afeta os afásicos diretamente, que se sentem discriminados por não conseguirem ler e/ou escrever, como o faziam antes do AVC, como “todo” sujeito faz. Agora, afetados por uma “doença”, sentem-se ainda pior frente à imagem de incapacitados para retomar a prática da escrita (SANTANA, 2002). Portanto, para uma boa proposta terapêutica, envolvendo a escrita do afásico, enquanto prática discursiva, é necessário considerar aspectos como subjetividade, dialogismo e trabalho linguístico.

A escrita de uma única frase para a elaboração do bilhete é resultado de uma atividade contextualizada, marcada pelo fator motivacional de que a função da escrita de escrever para ser lido seria atingida. O sujeito foi instruído a escrever previamente em uma folha de papel para, posteriormente, passar o conteúdo escrito para o cartão e, então, escrever no envelope o nome do destinatário e do remetente.

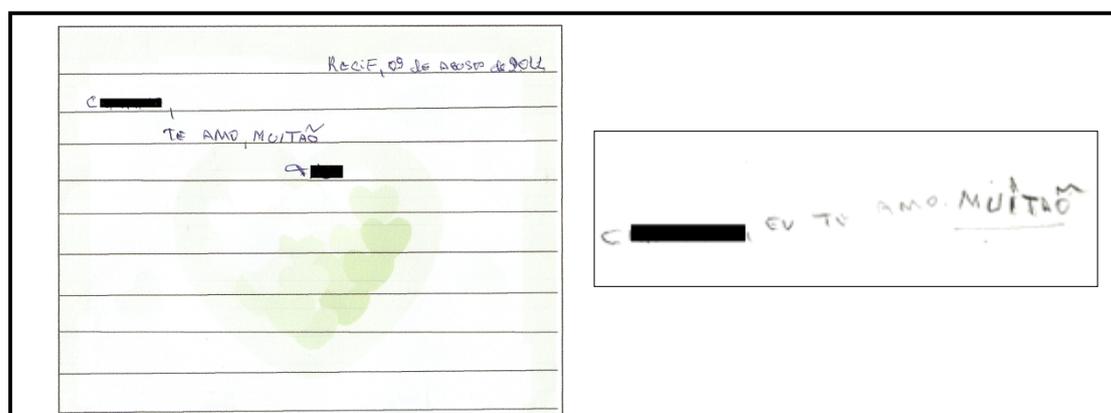


Figura 04 – Recado/bilhete.

Marcuschi (2002), com base no princípio do dialogismo, defende que o sujeito, ao escrever/falar, pressupõe um leitor/ouvinte. Esse fator, que constitui um avanço no estudo da linguagem, também foi determinante para a produção textual do sujeito, pois, inicialmente, escreveu o bilhete sem cuidado com a forma característica ao gênero, mas, ao reescrever, o fez seguindo a forma e a função do gênero proposto com a finalidade de interagir com seu interlocutor, no caso, a esposa. A forma do gênero trabalhado está marcada pelo local e data no canto superior do bilhete, pelo nome do destinatário antes do bilhete e pela assinatura do escritor ao final. A função de comunicar estabeleceu-se quando destinou o recado à esposa.

O uso de vírgulas referentes a pausas rápidas em um texto escrito relaciona-se às pausas que marcam a unidade tonal da Teoria de Brasil (1985). A ausência de pontuação no final não permite inferir o tom usado pelo sujeito.

O sublinhado na palavra “muitão”, no rascunho disposto à direita da Figura 04, não faz referência a destaque ou, nas palavras de Brazil (1985), à proeminência, haja vista que a linha subscrita foi feita pela pesquisadora com a finalidade de facilitar, para o sujeito, o acompanhamento visual do texto na ocasião de passar a limpo para o cartão sua própria produção escrita.

CONCLUSÃO

A proposta discutida ao longo desta pesquisa é inovadora, uma vez que se dedica à investigação de recursos prosódicos na linguagem escrita de sujeitos afásicos através do uso de diferentes gêneros textuais, elencados ao longo deste estudo de caso, relacionados à prática diária do sujeito.

Os gêneros textuais selecionados para a elaboração de atividades apresentam características predominantes da modalidade escrita da língua. Classificados mediante orientação do saber social, por serem fenômenos sociointerativos, o trabalho com gêneros textuais viabilizaram nortear o assunto tratado, pois, por se embasar em um tema delimitado pelo gênero, foi mais fácil para o terapeuta interpretar partes do discurso, assim como para o afásico se fazer compreendido e dar prosseguimento ao discurso. Assim, o trabalho com gêneros textuais cooperou com a atividade interativa no contexto comunicativo.

O impacto da afasia na vida do indivíduo o faz estabelecer novas relações com a linguagem. Essa nova postura frente à linguagem leva o afásico a se considerar ora como aquele que “não sabe” ler, “não consegue” escrever o que pretende, ora como aquele que tem a capacidade de escrever, havendo apenas a necessidade de organização de sua linguagem.

Ao se analisar o discurso, seja de sujeito afásico ou não, observa-se não somente o dito ou escrito, mas todo o contexto. O uso de recursos, como imagens e desenhos, na escrita, serviram como facilitadores do contexto comunicativo. Estes recursos usados na escrita, considerados elementos paralinguísticos, servem para auxiliar aquele que escreve, neste caso o afásico, fornecendo elementos para a construção de sentido do discurso.

Marcuschi (2005) afirma que, no texto escrito, também existem elementos que equivalem aos elementos paralinguísticos da oralidade. Na escrita, a associação de imagens ao texto tem a finalidade de chamar a atenção do leitor para a mensagem. As figuras e imagens associadas ao texto escrito produzido pelo afásico ocuparam o lugar da palavra que deveria

ser escrita. Logo é adequado afirmar que o recurso paralinguístico foi uma das estratégias adotadas pelo afásico para auxiliar na organização do seu discurso, a qual gerou efeito de sentido, viabilizando ao interlocutor dar determinada interpretação ao texto.

Além da apropriação dos recursos paralinguísticos, o afásico marcou sua produção com pontuações e pistas inerentes ao conteúdo escrito que apontam para estratégias de organização entoacional do discurso. Essas pistas, na superfície do texto escrito do afásico, configuram-se como marcas de sua intenção, caracterizada pela pretensão de aproximação do interlocutor, as quais podem beneficiar a assimilação do sentido pelo leitor.

As marcas no texto permitem inferir que diferentes tons também foram empregados como estratégias para organização entoacional da escrita. Hesitações compatíveis com as realizadas na oralidade se apresentaram no texto escrito. Essas hesitações apontam o uso do tom neutro que se refere à organização sintática, fato que pode ser visualizado na escrita do sujeito, mesmo porque a permanência da escrita viabiliza, dentre outras coisas, a consulta do texto (BIBER, 1988).

Em alguns textos escritos, o afásico também usou pontuações que fazem alusão aos tons descendentes e ascendentes manifestos na oralidade, que se relacionam a contextos narrativos e contextos indagativos, respectivamente. Assim, é correto afirmar que a presença de marcas no texto, características de estratégias de organização entoacional do sujeito, servem para nortear o interlocutor a alcançar o sentido do texto.

Quanto aos efeitos subjetivos da escrita, o sujeito reconhece a necessidade de usá-la no dia-a-dia, mas, apesar disso, não tem a mesma relação que antes da afasia com esta modalidade de uso da língua. Logo, os achados permitem afirmar que o sujeito reconhece o valor social da escrita com produção de sentido.

Assim, sugere-se que a prosódia, em aspecto pragmático, seja investigada em maior profundidade na escrita do afásico. As considerações aqui apontadas, como resíduo de uma vasta gama de conhecimentos que estudos mais profundos poderão trazer, não consideram encerrada a temática.

As conclusões alcançadas com esta pesquisa não podem ser tomadas como generalizações, pelo fato de se tratar de um estudo de caso. Os achados apontam para a construção de novas abordagens terapêuticas voltadas para o sujeito afásico e para a necessidade de maiores aprofundamentos no campo científico de estudos da linguagem envolvendo a Teoria Interacional da Entoação de Brazil, que aprecia o contexto discursivo-interativo.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, M. D. O fenômeno da afasia segundo etnomodelos da antropologia da saúde. In: ACIOLI, M. D.; MELO, M. F. V.; COSTA, M. L. G. (Orgs.). *A linguagem e suas interfaces*. Recife: Ed. dos Organizadores, 2006. p. 43-81.
- BIBER, D. *Variation across speech and writing*. Cambridge: University Press, 1988.
- BRAZIL, D. *The communicative value of intonation in English*. Birmingham: English Language Research (Discourse Monographs Series, 8), 1985.
- BRAZIL, D. *Discussing discourse*. Birmingham: English Language Research, 1987.
- BRITO, C. M. P. et al. Entoação: conceitos, modelos e perspectivas múltiplas. In: AGUIAR, M. A. M.; MADEIRO, F. (Orgs.). *Em-tom-ação: a prosódia em perspectiva*. Recife: Ed. Universitária, 2007. p. 17-50.
- CHACON, L. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 101
- COUDRY, M. I. *Diário de Narciso – Discurso e Afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- JAKUBOVICZ, Regina; CUPELLO, Regina. *Introdução à afasia: diagnóstico e terapia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.
- KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 1997. 102
- KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- LUCIANO, D. T. *Prosódia e envolvimento na compreensão do telejornal*. 277 f. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.
- LOPES, L. W.; MADEIRO, F.; AGUIAR, M. A. M. Envolvimento e intencionalidade na locução telejornalística. In: AGUIAR, M. A. M.; MADEIRO, F. (Orgs.). *Em-tom-ação: a prosódia em perspectiva*. Recife: Ed. Universitária, 2007. p. 51-72.
- MARCULINO, J.; CATRINI, M. O jogo entre falar/escrever/ler na clínica da linguagem com afásicos. *Revista distúrbios da comunicação*, São Paulo, v. 18, nº 1, p. 102–109, abr. 2006.
- MARCUSCHI, L. A. *Marcas da interatividade no processo de textualização na escrita*, 2002 (mimeo). 103
- MARCUSCHI, L. A. A oralidade no contexto dos usos lingüísticos: caracterizando a fala. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (Org.). *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p 57-84.
- MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. Princípios gerais para o tratamento das relações entre fala e escrita. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (Org.). *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p 13-30.
- MARCUSCHI, L. A.; HOFFNAGEL, J. A escrita no contexto dos usos lingüísticos: caracterizando a escrita. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (Org.). *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p 85-104.
- MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.
- MARINHO, J. S. *Marcas de oralidade na escrita de um afásico com dificuldades expressivas*. 82 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2008.

- MASSINI-CAGLIARI, G. O conceito de pé como unidade rítmica: trajetória. In: SCARPA, Ester M. (Org.). *Estudos de prosódia*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.
- MORATO, E. M. *Sobre as afasias e os afásicos*: subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos (Universidade Estadual de Campinas) – Campinas, SP: UNICAMP, 2002.
- MORATO, E. M. Introdução In: MORATO, E. M. (Org.). *A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 9-21.
- MOURA, C. S. C. Gêneros textuais no continuum fala e escrita como recurso terapêutico no tratamento do sujeito afásico na clínica fonoaudiológica. In: Simpósio internacional do núcleo interdisciplinar de estudos da linguagem, 1ed. 2010, *Anais eletrônicos...* Recife: UFRPE. p. 140-153. Disponível em: <http://www.niel-ufrpe.com.br/siniel-anais-eletronicos.html>. Acesso em: 27 nov. 2011.
- OLSON, David R. *O mundo no papel*: as implicações conceituais da leitura e escrita. São Paulo, SP: Editora Ática, 1997.
- SACCONI, L. A. *Minidicionário Sacconi da Língua Portuguesa*. 11. Ed. São Paulo: Nova geração, 2009.
- SANTANA, A. P. *Escrita e afasia*: o lugar da linguagem escrita na afasiologia. São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- SCARPA, E. M. Sobre a aquisição da prosódia. In: II Encontro nacional sobre a aquisição de linguagem. 1991. *Anais...* Porto Alegre: PUC/ RS. p. 103-115.
- URBANO, H. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil*: construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p. 497-527.